**REFLEXÕES COTIDIANAS DE EXPERIÊNCIAS ALFABETIZADORAS COLETIVAS: PIPOCA DE PALAVRAS DO TUPI QUE VOCÊ FALA**

Débora Santos Molinário Vieira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ/FFP

Este trabalho é um recorte da dissertação em andamento, intitulada “Narrativas Docentes do Ciclo de Alfabetização das Infâncias no pós pandemia: O reencontro com a escola” do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A pesquisa ~~em andamento~~ busca investigar o cotidiano e a prática docente refletindo sobre o fazer pedagógico no pós pandemia através das narrativas de *vidapesquisaformação[[1]](#footnote-1)* que focaliza a pesquisa-formação no processo educativo tendo os professores como narradores de suas histórias (Bragança, 2018).

O tema da pesquisa trata de questões relacionadas à alfabetização que atravessam meu caminho durante minha trajetória de vida, tecidas em meu cotidiano como professora-pesquisadora (Garcia, 2008), considerando cenários de *ensinaraprender* que nos fazem refletir sobre esses movimentos docentes e discentes que nos formam e nos transformam.

Neste recorte, apresento a narrativa da atividade realizada com a classe de 2º ano do ensino fundamental, da Escola Municipal Tiradentes, escola localizada no bairro Tenente Jardim, Niterói – Rio de Janeiro, a partir do projeto instituinte do ano letivo de 2024: “Tiradentes: 50 anos de Histórias e Memórias”. Tendo como base o tema do projeto anual, estão sendo realizadas diversas atividades com a turma. Segundo Ricoeur (2003), “a memória é instruída pela história”, dessa maneira, retomo o passado e entrelaço o projeto, às disciplinas que fazem parte do currículo do 2º ano do ensino fundamental, sobretudo, história, geografia e português, e desenvolvo a atividade “Pipoca de Palavras do Tupi que você fala” tendo como ponto de partida a contação de história do livro “O tupi que você fala” de Cláudio Fragata, com o objetivo de valorizar, reconhecer, respeitar, dar a ver e conhecer a cultura indígena; desde a educação nas e das infâncias, “o direito a todos os seus saberes” (Antônio Bispo dos Santos, 2023, p. 72); enquanto povos originários do nosso país, incluindo aqui o reconhecimento da língua Tupi que compõem a nossa língua falada cotidianamente.

Esse movimento de trazer a história rememorando-a nos possibilita melhor compreensão dos acontecimentos do presente e cabe destacar que o ensino das contribuições da cultura indígena para a formação do povo brasileiro está garantido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/1996 no § 4º do Art. 26 a saber:

O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia (Brasil, 1996).

Dessa maneira, a atividade realizada, ressalta a valorização cultural juntamente com o conhecimento que é construído no cotidiano escolar para a aprendizagem coletiva e significativa dos estudantes.

Os estudantes participaram da contação da história do livro e de uma roda de leitura e conversas, resgatando o sentimento de coletividade e compreendendo que a aprendizagem se faz nas relações com o outro e com os conhecimentos construídos pela humanidade. Especialmente o desenvolvimento da “linguagem escrita é constituída por um sistema de signos que designam os sons e as palavras da linguagem falada, os quais, por sua vez, são signos das relações e entidades reais”. (Vygotsky, 2008, p.120).

As crianças ouviram atentamente e comentaram a respeito da história e perceberam que as palavras de origem indígena fazem parte do nosso cotidiano, certamente pela influência das relações com os povos originários, indígenas, na evolução da língua portuguesa. As palavras em Tupi, destacas no livro, tais quais: guri, jabuti, pipoca, guaraná, maracujá, abacaxi, tatu, dentre outras, despertaram a curiosidade levando os estudantes ao reconhecimento da riqueza das contribuições indígenas para nossa nação, além de compreender os indígenas como primeiros habitantes do Brasil e identificar que quando os Portugueses aqui chegaram, o Brasil já pertencia aos indígenas.

Dentre os comentários realizados destaco a fala de uma criança que afirmou “-Vou contar para minha mãe que falo Tupi!” outra afirmou: “Eu pensei que falasse só em Português, mas também falo Tupi”, outra ainda questionou “-Por que ao invés de falar português nós não falamos só o Tupi se foram os índios que moravam aqui primeiro?”. A partir dos comentários conversamos sobre a importância de todos os povos que habitavam essa terra antes de sermos colonizados e de cada um na construção do nosso país, para formação de nossa sociedade e de um coletivo. Conversamos também sobre o porquê no Brasil se fala a língua do colonizador e não a língua nativa. Enfatizo, a *escuta sensível* como uma prática constante nos espaços escolares, que segundo Barbier (1992), compreende a escuta do outro em sua complexidade, ouvindo as crianças promovendo o encontro intenso com o conhecimento.

Após esse momento de contação da história, as crianças receberam cada uma, um papel para escrever uma palavra em Tupi presente na história do livro. Nessa atividade foi respeitada a escrita espontânea dos estudantes. Depois, amassaram o papel fazendo uma bolinha e colocaram na caixa da “Pipoca”. Assim que todos colocaram suas bolinhas na caixa, cada criança “estourou” uma pipoca desamassando o papel e lendo a palavra escrita. No processo de escrita das palavras, os que já dominavam a leitura e escrita, dialogavam espontaneamente com os colegas que ainda não tinham acabado de escrever, mediando a construção da escrita, evidenciando assim o apoio mútuo, cooperação e auxílio.

Refletimos também sobre os 50 anos de nossa escola, e de quanto é necessário o empenho e participação de todos para o bom funcionamento de uma localidade e da importância de cada um na composição de um coletivo, evidenciando, valorizando e respeitando a diversidade.

Todo processo da atividade “Pipoca de Palavras do Tupi que você fala” realizada com a turma do 2º ano revela que a educação acontece no encontro e nas relações com os outros. Ampliando esta perspectiva, Josso (2007), afirma que as narrativas de formação ao longo da vida revelam a existencialidade singular e plural do viver junto, que complementa o nosso processo de refletir sobre a prática. Nas (iter)relações e tensões com esses “outros”, em suas singularidades e pluralidades vamos sendo interpelados em um processo de (auto)transformação, ao mesmo tempo, provocamos processos de autoria e de transformações nos outros. Com Nóvoa e Alvim (2022), reafirmamos que a nossa existência é feita de coleções de experiências, de vivências e de imagens e a escola é um desses espaços onde as crianças constroem conhecimentos e culturas, nas relações. O movimento que as crianças realizaram a partir das atividades oportunizaram o desenvolvimento de relações coletivas, dialógicas e de integração de saberes.

Referências

BARBIER, R. A escuta sensível em educação. In: **Revista da Anped**, Caxambu, 1992.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza**.** Pesquisaformação narrativa (auto) biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. CUNHA, Jorge Luiz. BÔAS, Lúcia Villas. (Orgs.) **Pesquisa (auto) biográfica**: diálogos epistêmico-metodológicos. Curitiba: Editora CRV, 2018.

BRASIL. Lei n. 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Naciona**l, Brasília, DF, 20 de dez. 1996. Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br>. Acesso em: 30 mai. 2024.

FRAGATA, Cláudio. **O Tupi que você fala**. Editora: Globinho, 2015.

GARCIA, Regina Leite (org.) **A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática**. 5ª Edição. São Paulo, SP: Cortez, 2008

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** Educação Porto Alegre: 2007.

NÓVOA, Antônio. ALVIM Yara Cristina. Os Professores Depois da Pandemia. In: **Escolas e**

**professores, proteger, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022.

RICOEUR, Paul. Memória, história, esquecimento. *“Memory, history, oblivion”*. Conferência Internacional “Haunting Memories? History in Europe afterAuthoritarianism”. Budapeste: 2003. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia> Acesso em: 07 de mai. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo. Colonização, quilombos:modos e significações. 2ª. Ed. Brasilia: Ed AYÓ. 2023.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem.** São Paulo; Martins Fontes, 2008.

1. Inspirada pelos estudos dos cotidianos e das narrativas de vida, tais como Nilda Alves e Oliveira (2002) e Bragança (2018); escolhi fazer a união de determinados termos ao longo da escrita. Trata-se de uma escolha epistemológica que revela a indissociabilidade entre os termos. [↑](#footnote-ref-1)